

Lições do Passado *Sucessão*

MOSTROU pouco até agora a campanha eleitoral, mas já é suficiente para se perceber que não será ainda desta vez que o brasileiro assistirá a um debate de idéias e de programas de governo. Não é por falta de problemas, e sim de propostas objetivas, que o vazio acaba preenchido pela troca de acusações pessoais. E quando não é o torneio de suspeitas atiradas de longe, assiste-se ao exercício do alarmismo político mais estéril.

O aspecto grave da ameaça que ronda a sucessão é a perda da oportunidade aberta aos políticos. Não basta a verificação de que a sociedade esteve por dois decênios à margem das decisões nacionais. É preciso de alguma forma que os políticos saibam superar a contingência e se mostrar capazes de enfrentar as dificuldades com espírito público. Não se pode recomeçar sempre um percurso tantas vezes interrompido com impaciência. Faz falta a confiança em que as instituições políticas e os homens sejam realmente suscetíveis de melhoria.

Estamos recomeçando mais uma vez embaixo. O país já desfrutou de melhor nível político, e tem uma experiência histórica a seu dispor. Será preciso reaprender depressa com o passado. É indispensável, portanto, paciência tanto quanto espírito severo de crítica, pois não se trata de garantir um novo regime democrático mediante condescendência que apenas agrave os vícios.

Caberá ao eleitor, se realmente quiser fazer deste país uma democracia, entender que paciência não é sinônimo de conivência. Para sair do texto escrito e se tornar realidade, a democracia terá que contar com cidadãos que se mostrem exigentes diante dos seus representantes — para que desempenhem o lado melhor e não o pior da sociedade.

Cabe aos políticos a contrapartida de reconhecer que os eleitores têm razões que o eleito não pode desconhecer. O mandato não é uma procuração em branco. Ao contrário, tanto quanto possível deve ser o cumprimento de um compromisso assumido na campanha eleitoral. As nações com mais larga experiência política e saldo democrático consagraram mandatos menores como forma de reaproximar periodicamente os eleitos e os eleitores. A representatividade aumenta a cada renovação da confiança expressa no voto.

Não pode haver dúvida de que a vida política brasileira terá que ser reaprendida — e não apenas

com as lições da nossa experiência. Com os nossos erros poderemos alcançar a consciência de que o regime só se aperfeiçoa com as práticas da liberdade e da responsabilidade política. A primeira lição, portanto, é a de que os males e imperfeições da democracia são tratáveis apenas com liberdade e responsabilidade. Ninguém poderá mais admitir, depois do que o país passou, que em nome da democracia se proponham remédios autoritários.

A atividade política é um exercício ininterrupto, que se aperfeiçoa na prática. A continuidade é condição essencial ao aperfeiçoamento das instituições e à formação de uma **escola** política, onde se cultivem os valores éticos sem os quais uma nação não subsiste e nenhuma democracia prospera.

A sociedade — por ser a maior interessada — está advertida de que o regime democrático precisa ter raízes firmes, para que o Estado não se deixe abalar. O ciclo em que o Estado se propunha a desempenhar tarefas que competem à sociedade se esgotou sem os resultados prometidos — e deixa um custo político a ser pago pela Nação.

O regime democrático com que se identifica a vontade nacional não será, no entanto, apenas a gerência das dificuldades legadas pela excessiva intervenção do Estado na atividade econômica. Modernizou-se a Nação, da agricultura, à indústria e ao comércio. Ampliou-se a classe média por efeito da industrialização. O Brasil de 1984 é outro, e a política precisará mostrar-se à altura de novas necessidades.

Falta, no entanto, a ordenação democrática que só a atividade política pode fazer. Portanto, as gerações que declinam e as que chegam à idade da responsabilidade política precisam compartilhar a mesma reserva de paciência para com as instituições e os homens.

Já estamos no caminho da democracia, embora muitos não se tenham dado conta de que começaram para todos as novas responsabilidades. À medida que a sucessão presidencial avança, o autoritarismo fica para trás. Os brasileiros estão diante do desafio que pediam: construir com recursos próprios um regime capaz de aperfeiçoar-se continuamente.

Há valores preciosos no passado político brasileiro. Cumpre aproveitá-los tanto quanto banir os vícios que se repetiram com as mesmas consequências indesejáveis que não basta lastimar.